

FERNANDO GUSMÃO e JOSÉ CARDOSO PIRES

num colóquio em Algés sobre O RENDER DOS HERÓIS

Na Liga dos Melhoramentos de Algés e de parceria com a Cooperativa União realizou-se um colóquio versando a peça de José Cardoso Pires, que Fernando Gusmão encenou no Império.

Público — O texto foi integralmente representado?

Fernando Gusmão — Apenas suprimi duas cenas, uma vez que não faziam falta à compreensão da peça porque se encontravam explicadas nas cenas seguintes.

Público — A linha de representação da peça — expressionista — pareceu quebrar-se nas cenas em que interveio Carmen Dolores. Porquê?

José Cardoso Pires — A culpa foi minha. A construção da personagem, para se englobar no tom geral da peça, seria extremamente complicada, pois que, representando uma pessoa da alta burguesia (de recorte camilliano) que aderiu a um movimento popular, não se revestia da forma caricatural comum à maioria dos outros personagens, de modo a que o público destrincasse o que era caricatura e o que era de respeitar na sua atitude.

Por isso lamentei Carmen Dolores pelo papel tão ingrato que lhe coube.

P. — Numa entrevista, José Cardoso Pires disse que gostaria de ver «O render dos heróis» representado como uma revista. Foi assim que Fernando Gusmão entendeu e realizou o espectáculo?

J. C. P. — Antes que o Gusmão responda, quero deixar mais explícita a minha intenção. Não era no mau sentido de revista, mas sim porque preferia a alegria e o ritmo familiares a este género a ver «O render dos heróis» feito a jeito do drama histórico tão ao gosto do paladar de certos autores e actores.

F. G. — Agora respondo eu, até porque acho a pergunta curiosa. Há nesta peça diversos planos de representação e algumas cenas são da mais genuína fonte que à revista pertence, com figuras de recorte vicentino. As comadres e o cego têm intervenções à frente da cortina no estilo da rábula revisteira...

P. — ...e a apoteose final...

F. G. — ...também. O que é preciso é não confundir o que há de bom na revista com o que de mau ela tem. Foi no sentido da espectacularidade e ritmo encontrado por Piscator nas suas encenações que me baseei. Aliás, toda a minha paixão incide em realizar espectáculos como Piscator, com textos brechtianos.

P. — No prefácio às «Três peças num acto», de Avelino Cunhal, Luís Francisco Rebelo diz que, ao invés da literatura, o teatro neo-realista em Portugal foi praticamente inexistente. Como se compreende esta lacuna?

J. C. P. — Um romancista mais facilmente vê a sua obra editada do que um dramaturgo a vê posta em cena. Sem conhecimento da linguagem que se escolheu e sem sentir as reacções do público não há dramaturgo que resista. E, como sabe, o teatro é quem mais sofre com as limitações existentes.

P. — «O render dos heróis» é uma obra neo-realista?

J. C. P. — Só no conjunto da produção de um escritor se deve ou pode analisar as suas tendências, não numa obra isolada.

P. — Acha que o teatro deve produzir com fidelidade a vida tal como ela decorre quotidianamente?

F. G. — Não, o teatro, como toda a obra de arte, recria a vida. O naturalismo pretendia de facto ser uma cópia exacta da realidade, mas isso já não responde hoje a nenhum tipo de necessidade. As duas concepções que enformam o teatro dos nossos dias são o teatro «ilusionista» (o que transporta a emoção do espectador para o interior da peça através da acção dos actores) e o de distanciação ou crítico, isto é, aquele que activa a capacidade individual do público para julgar os acontecimentos demonstrados em cena. Este é, como já o disse antes, o teatro que me apaixona.

P. — Porque não o faz?

F. G. — Há mil barreiras a impedi-lo. Um teatro brechtiano implica textos adequados.

P. — E porque não adaptações, como fez Piscator de Schiller?

F. G. — E onde estão os adaptadores? E a garantia de que os podíamos representar?

P. — A Companhia do «Teatro Moderno de Lisboa» continuará?

F. G. — Ninguém o sabe. Neste momento está encerrada a sua temporada, uma vez que o subsídio da Fundação Gulbenkian atingiu só Abril e o público não é em número suficiente para pagar o espectáculo. Foi na camada estudantil que houve um aumento de frequência de público, mas sem auxílio financeiro, repetimos, não é possível continuar. O que será a próxima época ninguém sabe e é pena, porque se estivéssemos seguros de trabalhar uns anos juntos, o labor não parava nunca e os frutos seriam estupendos. O que é necessário é fazer, fazer, fazer, porque sem trabalho constante não se pode aperfeiçoar o conjunto, nem cada um por si.

Muito mais se disse, naturalmente. Por nossa parte, apenas quisemos deixar um testemunho do interesse de que se revestiu a ida a Algés daqueles dois obreiros da cultura portuguesa, num diálogo franco e aberto com o público.



**DESDE
170\$
LINDOS E
MODERNOS
BIKINIS
E FATOS
DE BANHO**

**ELA
MODAS**

**AVENIDA
ANTÓNIO
AUGUSTO DE
GUIAR, 9-A
LISBOA**